

# A FUNÇÃO DA OBRA NA ESTABILIZAÇÃO PSICÓTICA: ANÁLISE DO CASO DO PROFETA GENTILEZA<sup>1</sup>

**ANDRÉA MÁRIS CAMPOS GUERRA**

Psicanalista; Doutoranda em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Professora, Pesquisadora e Coordenadora da Clínica-Escola (NUPSI) do Curso de Psicologia (PUC-MG/Betim); Professora e Pesquisadora do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Fumec.

**CARLOS ANDRÉ MOREIRA DA SILVA**

Aluno bolsista (PROPIC/Universidade Fumec).

**FABIANA CAIRES CHAIA**

Aluna voluntária (PROPIC/Universidade Fumec).

**FERNANDA MOREIRA ELIAS**

Aluna voluntária (PROPIC/Universidade Fumec).

**THIAGO PINTO CÔRREA SARKIS**

Aluno bolsista (PROPIC/Universidade Fumec).

**Resumo:** Partindo da Reforma Psiquiátrica, investigamos a possibilidade de construção de enlaçamento social e simbólico por psicóticos, via criação artística, a fim de contribuir na elaboração de estratégias clínicas inclusivas e de reinserção social. Estudamos o caso do Profeta Gentileza, que pintou as pilastras do Viaduto do Caju-RJ com símbolos e grafias inéditas. Concluímos que a construção de seu processo de estabilização se deu via metáfora delirante, tendo sua obra funcionado enquanto contorno estético ao excesso de gozo que restou insignificanzável do trabalho com o delírio, permitindo uma saída que prescindiu do ato. Esse trabalho sustentou sua inserção social, tendo sua obra se tornado patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Como efeito de aprendizado para os trabalhadores da saúde mental, se destacou a importância de acompanhar o estilo do sujeito na sua tentativa de cura, sustentando os movimentos deste diante do campo do Outro junto ao trabalho de reinserção social.

**Palavras-chave:** psicose, estabilização, inserção social, criação artística, reforma psiquiátrica.

## ART FUNCTION IN PSYCHOTIC STABILIZATION: ANALYSIS OF PROFETA GENTILEZA'S CASE

**Abstract:** From the psychiatric reform we propose an investigation about the possibility of the construction of social and symbolic ties from psychotic individuals, using artistic creation. It contributes to the planning of clinical strategies and of the social rehabilitation in the field of Mental Health. We utilize the case of a Brazilian psychotic who paints, with particular symbols, pilasters in the city of Rio de Janeiro. Those pilasters became cultural patrimony of that city. From the case of Profeta Gentileza we conclude that the work of art could follow the delirious metaphor, aiding the psychotic stabilization. It gives an esthetic contour to what remains without configuration from the work of the delirious, favoring the social insertion. We can learn from it that it is necessary to follow the individual course of solution constructs from psychotic people, instead of imposing model standards to them.

**Keywords:** psychosis; stabilization; artistic creation; psychiatric reform; social rehabilitation.

### Introdução

O campo da Saúde Mental no Brasil vem sofrendo modificações estruturais desde o final da década de setenta a partir do Movimento Nacional dos Trabalhadores de Saúde Mental. A reforma psiquiátrica brasileira rompeu com uma estrutura assistencial construída em torno do hospital psiquiátrico na ausência de uma proposta política para o setor, que se traduziu numa prática asilar com tendência à exclusão social (Resende, 1994; Barreto, 1999; Amarante, 1995). Hoje, a assistência pública aos portadores de sofrimento mental busca consolidar uma rede de dispositivos abertos que cuidam desde a crise até a inserção social do usuário, procurando substituir o manicômio por formas mais humanizadas de tratamento.

A clínica da psicose, aliada à política de assistência à Saúde Mental, deu origem a estratégias de intervenção inéditas que buscam inaugurar uma clínica inventiva, que vem sendo chamada de “clínica antimanicomial”, “ampliada” ou “em movimento”. Ela é regida pelos princípios da *singularidade* (clínica que convida o sujeito a sustentar sua

diferença, sem precisar excluir-se do social), do *limite* (“fazer caber” o louco na cultura é também ao mesmo tempo convidar a cultura a conviver com certa falta de cabimento, reinventando, ela também, seus limites) e da *articulação* (interlocução interdisciplinar e parcerias com outros segmentos, inclusive com os movimentos sociais) (Lobosque, 1997, p. 21-24). Esses princípios regem o funcionamento da rede de assistência à Saúde Mental através de dispositivos ora mais clínicos ora mais socializantes. Sempre, porém, atravessados pela lógica que permitiu a desconstrução/reconstrução do saber e da prática no campo psiquiátrico em contraposição ao modelo manicomial.

Estabelecido um tempo de compreender os fundamentos dessa clínica, surge a questão sobre as possíveis saídas tecidas pelos sujeitos no trabalho de inserção social na vida pública. Marcado por diferentes perspectivas, desde as mais adaptativas até as mais crítico-políticas, o discurso da reabilitação no geral aparece como contraposto ao da clínica. Em nosso entendimento, entretanto, qualquer recurso que desconsidere o sujeito em seu movimento de cura fracassa no mais essencial: sustentar um campo discursivo e desejante de continência para a produção de soluções pelos psicóticos. Concebê-los como capazes de construir respostas implica em deslocá-los de uma posição de deficitários, infantilizados, incapazes, para a de sujeitos responsáveis pelas produções que realizam, sejam elas delírios, atos, obras ou outras. Assim, qualquer processo reabilitador só se reveste de interesse na medida em que respeita o estilo do sujeito para o qual se aplica, acompanhando seus movimentos subjetivos e suas possíveis formas de enlaçamento social.

Entendemos o enlaçamento social como a maneira pela qual o sujeito estabelece, a partir da linguagem, vínculos no campo afetivo, social e simbólico. O sujeito para nós é um ser sócio-historicamente contingenciado, mas que funciona a partir da determinação das leis do inconsciente, cuja trama e organização no aparelho psíquico determinam uma maneira particular de ser e de estar no mundo. Quando essa maneira apresenta-se como processo de ruptura que se desenvolve no lugar e em vez da inscrição de um organizador simbólico da relação do sujeito com a linguagem, teríamos a psicose como resposta.

Assim, partimos, em nossa investigação, de uma concepção de sujeito como capaz de produzir respostas e, nesse sentido, discutimos a idéia de produção na psicose como uma maneira de tratar aquilo que não-simbolizado retorna no real sob a forma de “sintomas”. Entendemos não como adoecimento, mas antes como tentativas de cura (Freud, 1911/1976), os esforços empreendidos pelos psicóticos para restabelecer ligações a partir desses pontos de desligamento. O aprendizado com esses sujeitos se torna indispensável, sobretudo quando sabemos que o “autotratamento”, o *savoir-faire* do psicótico com seus sintomas, muitas vezes implica em dispensar o técnico e a rede da Saúde Mental.

Mas quais são as possíveis soluções construídas pelo sujeito na psicose? Como essas soluções podem integrar o projeto mais amplo da Saúde Mental, ajudando a consolidar as políticas públicas do setor? Como aprender com psicóticos que construíram sozinhos essas soluções a estendê-las ao campo, revisitado, de uma clínica em movimento?

Essas questões nos levaram a uma investigação sobre *a possibilidade do sujeito psicótico encontrar, por meio da criação artística, uma saída ou solução que lhe permita (r)estabelecer enlaçamentos sociais e simbólicos com o mundo, encontrando pontos de estabilização.*

Para investigar essa hipótese, buscamos discutir as soluções clássicas encontradas por psicóticos no trabalho de resolver os impasses do gozo avassalador que os invade, quais sejam, a passagem ao ato, a construção da metáfora delirante e a obra. Entendendo o trabalho na psicose como “uma maneira de tratar os retornos no real, de operar conversões; maneira que civiliza o gozo tornando-o suportável” (Soler, 1991, p. 16). Tomamos essas soluções a partir de duas vertentes. A primeira, implicando numa elaboração simbólica apoiada no significante através da construção delirante. A segunda, numa operação real, apoiada na criação *ex-nihilo* de um objeto, inédito, condensador de gozo – aqui o ato e a obra. Necessariamente um trabalho não exclui o outro. Podem mesmo funcionar numa relação de necessária complementariedade, como pudemos depreender do estudo de caso aqui realizado.

Nosso recorte se orientou pelas tentativas de estabilização que envolvem a criação de objeto artístico ou artesanal – entendido enquanto material que pode ou não ser reconhecido como arte, mas que é produzido por um sujeito psicótico, demarcando uma relação original com o mundo que se estabelece a partir dele e favorece sua estabilização.

Metodologicamente delineamos a investigação, de caráter exploratório, valendo-nos da pesquisa teórica, documental e do estudo de caso. Assim, inicialmente discutimos na estrutura psicótica suas possibilidades de estabilização, formalizando as estratégias particulares que o psicótico pode construir junto ao laço social, em particular pela via da criação artística. Partimos então para um estudo de caso, tomando para análise um caso típico (Figueiredo, 2001). Buscamos discutir as particularidades e os elementos da operação que constituíram o esforço de estabilização. Denominamos aqui estabilização uma categoria ampla que implica as diferentes operações psíquicas, mais ou menos frágeis, que permitem ao sujeito psicótico (r)estabelecer algum tipo de enlaçamento com o campo do Outro, de uma posição outra que não a de objeto assujeitado a seu gozo imperativo. Ela pode aparecer sob a forma de suplência – de sutura no ponto onde o Nome-do-Pai é foracluído no simbólico – ou de apaziguamento, através da identificação imaginária ou do estabelecimento da transferência. Trata-se, pois, do trabalho sobre os pontos de ruptura real, de desconexão da realidade.

O caso eleito foi o do Profeta Gentileza, atendendo às exigências de tratar-se de diagnóstico de psicose com construção de solução pela via da obra e de possuir amplos e acessíveis registros para análise. Trata-se de figura lendária que viveu nas ruas do Rio de Janeiro, e nelas pregou a “gentileza”, pintando nos muros do Viaduto do Caju mensagens que traduziam sua missão de ensinar o perdão e mostrar o caminho da verdade e da moral aos homens. Dada sua notoriedade, a obra de Gentileza tornou-se patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Gentileza é paradigmático para nossa investigação ao introduzir o discurso de uma ordem social instituinte, prescindindo da rede de

cuidados da Saúde Mental, mas estruturando, por si mesmo, uma rede paralela de vínculos com a cidade e com as pessoas através de um trabalho sistematizado de transmitir sua mensagem, seja através da pregação, da pintura de seus murais, ou de sua própria indumentária.

Ora, o que o caso de Gentileza pode ensinar à clínica ampliada dos serviços substitutivos ao manicômio? De que maneira suas obras podem nos ensinar a trabalhar nos diferentes serviços abertos e substitutivos ou pensar a inserção social no trato com a psicose?

A hipótese da obra como suplência, ao lado da metáfora delirante, é ponto reconhecido e pacífico entre os autores estudiosos do tema atualmente (Quinet, 1997; Laurent, 1995; Rabinovitch, 2001). Mas e quando a obra não adquire esse estatuto, mas, ao mesmo tempo, torna-se essencial no trabalho de estabilização, quais funções ela teria? E quando, como evidencia o caso de Gentileza, o trabalho de estabilização se faz via metáfora delirante, mas a obra se impõe como necessária para o sujeito, qual seria o estatuto do uso desse recurso?

Poderíamos dizer, nesse caso em particular, que *a obra aí recolhe os restos da operação simbólica realizada pela metáfora delirante em torno do significante “gentileza”, conferindo um contorno estético ao excesso de gozo real?* Eis a nova hipótese advinda do estudo do caso Gentileza. Ela permite fazer avançar a teoria e esmiuçar aspectos, antes inexplorados na mesma. Ponto de maior contribuição dessa pesquisa ao tema das soluções na psicose.

## Revisão teórica

A fim de empreendermos nosso estudo, fez-se necessário partirmos para uma discussão mais específica, na psicanálise, sobre as soluções construídas por psicóticos de forma a fundamentar a posterior discussão do caso Gentileza e o que ele ensina à Saúde Mental. Centrar-nos-emos em apenas duas de suas modalizações, a saber, a metáfora delirante e a obra, na medida em que trabalharemos, no caso, a partir das mesmas. Mas antes disso, é preciso fazer breve contextualização sobre o campo da clínica ampliada no que toca à inserção social, ou como vem sendo nomeada, reabilitação psicossocial.

## 1) Contextualização das soluções psicóticas no campo da clínica ampliada (ou em movimento) da Saúde Mental

Como se vê, o campo das soluções psicóticas na Saúde Mental implica a dimensão de uma clínica que não se esgota na escuta e na palavra. Os psicóticos têm ensinado aos trabalhadores o uso de outros recursos em seus movimentos de cura. É preciso considerar outras redes na intervenção, sabendo-se que seu substrato é sempre a linguagem. Saraceno (1999) propõe pensarmos a reabilitação psicossocial como modelo de redes múltiplas de negociação que põe no centro das questões a participação. Para ele, os eixos sobre os quais se apóia o aumento da capacidade contratual dos pacientes psiquiátricos são a moradia, que se ocupa da casa e da apropriação da habitação do espaço vital; a rede social, onde se dão de fato as trocas afetivas e sociais vivas; e o trabalho, entendido como processo de articulação do campo dos interesses, das necessidades e dos desejos, meio de sustento e auto-realização, onde se produzem e trocam mercadorias e valores, provocando a construção de novas redes e novas relações entre sujeitos sociais. Aí desponta a desconstrução de uma lógica da reabilitação que subtrai o sujeito em nome de uma lógica produtivo-econômica maior que este. Destaca-se nesse modelo a dimensão política e social do processo reabilitador, sendo o mesmo pensado em termos da capacidade contratual de cada sujeito. Rotelli (1994) e Goldberg (1996a e 1996b) partilham dessa posição, evidenciando a importância de deslocar o sujeito da perspectiva do produtor ideal para a do consumidor que efetiva a contratualidade social possível na psicose.

É com Viganò (1997 e 1999) que vemos essa crítica ser levada a sua radicalidade, numa proposta articulada à clínica, enquanto dimensão inarredável de inscrição do sujeito e de possibilidade de implicação nas respostas que constrói. Para ele, a reabilitação não pode renunciar a se interessar pelos sintomas, pois eles são formas do sujeito se implicar e responder ao campo social ao qual está referido, de adaptar-se a um rompimento com a realidade. Em conformidade com Freud e Lacan, coloca os sintomas como as estratégias de cura empreendidas pelos sujeitos psicóticos para se libertarem da dependência ligada à forclusão.

Daí a fraqueza dos modelos de reabilitação que tentam tamponar o sintoma negativo, ao invés de se interessarem pelo positivo, ou seja, pelo estilo das estratégias adotadas pelo próprio sujeito como saídas.

Toda aprendizagem que o Outro social fornece ao sujeito permanece na série de objetos dados pelo Outro materno e não libertará jamais o sujeito de sua dependência, dita simbiótica. [...] A reabilitação não reabilita senão a ordem simbólica, aquilo que permite a um sujeito se comunicar com a realidade. Esta afirmação tem uma consequência: a reabilitação pode ser bem-sucedida somente com a condição de seguir o estilo que sugere a estrutura subjetiva do psicótico (Viganò, 1997, p. 63).

Assim, o que deve ser buscado não é o real somático de uma função, o aprendizado de uma habilidade, mas as condições simbólicas para enfrentar o real do gozo do Outro. Ou seja, trata-se de seguir as estratégias desenvolvidas pelo próprio sujeito como política para a reabilitação. Daí a advertência de Viganò (1999) para não cairmos numa nova cronicidade. Pois, apesar da desconstrução do hospital psiquiátrico, corre-se o risco de incorrer-se em novas formas de exclusão e segregação, por vezes realizadas a partir da própria rede de assistência à Saúde Mental. Como se vê, para Viganò não há como dissociar clínica e reabilitação, sendo cada um desses processos dialeticamente influenciadores da forma de operação do outro.

Bom, seguir as estratégias do sujeito implica em conhecer as diferentes maneiras através das quais ele trabalha o gozo. Em Freud, encontramos a estratégia adotada pela construção delirante até um ponto de estabilização. Lacan vislumbra e teoriza sobre pelo menos três possibilidades diferentes de saída na psicose: a passagem ao ato, a metáfora delirante e a escrita. Vamos a elas.

## **2) As soluções psicóticas a partir da perspectiva lacaniana: aprendendo a seguir o estilo do sujeito<sup>2</sup>**

### **2.1) Da metáfora delirante**

Antes de terminar a formulação da noção de objeto *a*, Lacan trabalha o delírio como solução psicótica na década de 50. Seu referencial é a metáfora paterna. Ele propõe a metáfora delirante enquanto aquilo



que funciona como suplência, substituição ao Nome do Pai foracluído. Esse período é caracterizado no ensino de Lacan pela primazia do simbólico, trazendo como conseqüência para sua formulação acerca da metáfora essa preponderância, ainda que já se evidencie o impossível de escrever como real.

Para Lacan, quando de seu nascimento, a criança é confrontada com o desejo do Outro (materno) que significa suas experiências primárias. Ao grito da necessidade, responde o desejo desse Outro nomeando, para o *infans*, sua demanda (Lacan, 1956-57). Esse trabalho de simbolização primordial, que Freud (1920) estabelece a partir do automatismo da repetição da brincadeira do *fort-da*, implica na presença-ausência materna que, aparecendo como Dom, permite à criança simbolizar, a partir de seu desejo, a falta. Esta aparece na significação fálica, representação da ausência, introduzida pela operação da metáfora paterna. Ela diz respeito à introdução de uma Lei interditora fundamental referida à castração que impede ao filho ser reintegrado à completude com a mãe e à mãe fazer do filho seu falo. Sendo ser de linguagem, dividido, também a mãe é submetida a essa lei, que transmite inconscientemente para o filho sob a forma da interdição paterna. Assim o Nome-do-Pai elide o desejo da mãe, permitindo à criança nomear-se a partir do enigma que funda sobre seu ser de falta. Trata-se, como se vê, de uma operação metafórica ao nível significante, “que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (Lacan, 1998, p. 563). O Nome-do-Pai reduplica-se no lugar do Outro na medida em que ele constitui também a lei do significante.

Mas o que acontece se, ao apelo do Nome-do-Pai, corresponde a carência do próprio significante recalcado no campo do Outro? É o que tentam explicar a *verwerfung* freudiana ou a forclusão lacaniana. O significante do Nome-do-Pai é rejeitado simbolicamente e em seu lugar responde no Outro um simples buraco que, pela carência do efeito metafórico de recobrimento da falta instalada pelo desejo materno, provoca um furo absoluto correspondente ao lugar da significação fálica.

A saída, nessa elaboração lacaniana de 1957-58, constituída a partir do caso paradigmático de Schreber, é a metáfora delirante que se constrói numa tentativa de substituir a metáfora inoperante do Nome-do-Pai. Trabalho que, segundo Maleval (1996), pode ser pensado em quatro tempos.

- a) Deslocalização do gozo e da perplexidade angustiante – quando se dá o desencadeamento significante a partir de uma ruptura na cadeia provocando uma autonomia do significante (automatismo mental). A perplexidade advém justamente do fato de o sujeito não se sentir autor de seus próprios enunciados. A conseqüência dessa experiência de autonomia do significante no real é a deslocalização do gozo, provocando fenômenos diversos sobre o corpo do psicótico.
- b) Significação do gozo deslocalizado – implica num trabalho de mobilização do significante pelo psicótico na busca de uma explicação para os fenômenos que o invadem. Em Schreber, essa primeira explicação aparece na acusação que formula de um complô que estaria sendo tramado por seu médico, Dr. Flechsig. Essa explicação não apazigua Schreber, ao contrário, deixa-o à mercê de um Outro todo-poderoso. Daí a busca de uma nova explicação encontrada no fato de que fora o próprio Deus que assumira o papel de cúmplice, senão de instigador, na conspiração em que sua alma deveria ser assassinada e seu corpo usado como o de uma rameira. Aí surge um compromisso razoável, característica marcante dessa segunda fase.
- c) Identificação do gozo do Outro – assentado num significante, “mulher de Deus”, o gozo do Outro, a partir de então, se encontra identificado. Porém, a aceitação da feminilização progressiva de Schreber não implicou no desaparecimento do sentimento de que uma violência estava lhe sendo infligida. A diferença é que agora, no delírio, os perseguidores se encontrariam identificados.
- d) Consentimento ao gozo do Outro – aqui aparece um consentimento com a nova realidade construída a partir da

certeza de que um saber fundamental foi adquirido. Em Schreber, esse saber aparece como advindo do Todo-Poderoso e é acompanhado de construções fantásticas e temas megalomaniacos. Maleval localiza essa última fase do delírio de Schreber em 1897 quando o drama do sujeito se torna o motivo futuro de uma redenção do universo e sua feminilização culmina na eviração, seguida pela fecundação por meios divinos, com o objetivo de gerar novos homens feitos do espírito de Schreber. A convicção desse tema fantástico aumenta na medida em que diminui o sentimento persecutório.

O autor também destaca que muito raramente se atinge esse nível de elaboração delirante em termos de metáfora, acontecendo, no mais das vezes, uma tentativa desordenada de construção delirante, ou mesmo apenas uma defesa paranóide.

Interessa-nos essa discussão acerca do delírio e sua função na psicose, posto que partimos da hipótese original de que a obra favoreceria a estabilização e o enlaçamento social, sendo que, ao nos determos no caso de Gentileza, a investigação obrigou-nos a seguir nova hipótese, sugerindo a nosso ver a grande contribuição teórica dessa pesquisa. Como veremos na discussão dos dados, Gentileza inaugura uma nova forma de lidar com a realidade e com o Outro social a partir de uma reconfiguração delirante de seu nome e de sua missão no mundo. Não é, pois, nem a obra, nem suas alegorias, que ordenam de saída a construção de uma solução para lidar com os impasses do gozo deslocalizado. Bom, antes de chegarmos a essas questões, é preciso compreender o que significa tomar a obra como solução, como suplência na psicose.

## 2.2) Da escrita enquanto obra

É somente quando se dedica a estudar a função da escrita para Joyce que Lacan traz a perspectiva a partir da qual pode-se formular a hipótese da obra como suplência. No último tempo de seu ensino, Lacan subverte a função do Pai, como visto na metáfora paterna, apontando que ele será apenas mais uma das maneiras encontradas

por um sujeito para se haver com uma falta que se inscreve para todos. Esse ensinamento aponta que os Nomes-do-Pai seriam múltiplas formas de o sujeito se haver com a ausência de significação no campo do Outro (S de A barrado), não havendo uma única normatização como resposta para todos.

É sobre a lógica do objeto, ou de sua ausência, fundada no nó borromeu, que Lacan fala de *sinthoma* em Joyce que realiza, pela escrita, o nome próprio, sem o apoio ao Nome-do-Pai. “[...] do Nome-do-Pai se pode também prescindir. Pode-se também prescindir dele com a condição de dele se servir” (Lacan, 1975-76, p. 188). Lacan utiliza, na década de 70, a topologia do nó borromeu para mostrar a realidade psíquica e os arranjos subjetivos que podem ser realizados a partir das relações entre Real, Simbólico e Imaginário (três dimensões da subjetividade humana). O nó borromeu é uma espécie de nó no qual os três aros se enlaçam de tal forma que, se se corta um deles, os outros três se liberam. Trata-se de uma recorrência à Matemática a fim de elucidar idéias da Psicanálise. Interessante observar que, com essa proposta, Lacan desloca o ideal da metáfora paterna como eixo da “normalidade” para, em seu lugar, propor que a forclusão é que é para todos, na medida em que carece a qualquer um o significante que nomeie em última instância o gozo. Dito de outra forma, essas saídas não seriam estandarizadas pelo Nome-do-Pai como um agenciador elementar e necessário, mas, antes, seriam efeito de invenções, de criações suplementares do sujeito diante do impossível real.

Pelo menos é o que Lacan nos propõe pensar em seu ensino sobre Joyce. Lá, a hipótese da escrita como suplência ou *sinthoma*<sup>1</sup> aparece e ganha evidência. Fazer enigma, desejar um nome que seja lembrado, ser artifice que sabe fazer *sinthoma* sem saber que o faz, fizeram de Joyce paradigma da modalidade de solução na psicose pela obra, através da escrita.

Assim, a escrita do nó borromeu implica não em uma precipitação significante, como na metáfora delirante, mas na constituição de um suporte para o significante, porque o simbólico vem prender-se a ele.

Na falta da queda desse impossível na forma de objeto *a*, Joyce cria, ele próprio, um campo de ausência – como na neurose o real instalaria. “É porquanto o *sinthoma* faz um falso-buraco com o simbólico que há uma práxis qualquer” (Lacan, 1975-76, p. 159). Falso buraco pois enlaçando esses dois círculos (simbólico e *sinthoma*), ele não é buraco nem de um, nem de outro. Somente se atravessado por uma reta infinita ou terceiro círculo – campo do Imaginário, do qual o Falo é o organizador –, ele está verificado, é real. Entendendo que o real não é exatamente um terceiro círculo, mas o resultado de uma maneira específica de enlaçá-los, de tal forma que partindo um, todos se desentrelaçam. O real é sempre um pedaço, um caroço em torno do qual o pensamento borda, mas ele, como tal, não se liga a nada, é incorpóreo. Nós não podemos atingir senão pedaços do real. Se ele, porém, é atingido, um novo simbólico se forma, uma inédita forma de relacionar-se com o real se realiza, como através do *sinthoma* da escrita em Joyce.

Ora, é justamente daí que se extrai a riqueza dessa transmissão lacaniana: do *sinthoma* não há nada a fazer para analisá-lo, interpretá-lo. Ele cifra o gozo, e não, ao contrário, o nomeia e desvenda. Ele condensa pelo des-sentido. Faz ponto de amarração onde um erro do nó, na psicose, não sustenta a articulação dos três registros. No Seminário 23, Lacan pôde nomear aquilo em que Joyce confiou, mais que em seu Pai, para se sustentar: seus sintomas. As epifanias – “essas breves frases tiradas do contexto que poderia dar-lhes significação, esses fragmentos de discursos nos quais o sem sentido reluz” (Soler, 1991, p. 18) – traduziriam esse momento em que o gozo efetivamente se adensa.

Não estamos mais agora falando em representação de um significante para outro significante, tendo o sujeito como resultado, como na metáfora paterna neurótica da década de 50. Aqui Lacan quer saber do Um, do que faz Um, cifra, absoluto, opondo o campo do real ao campo do sentido. E essa amarração se faz pela escrita da letra que permite uma outra escritura do nó borromeu.

Que se esteja deitado ou de pé, o efeito de cadeia [nó] que se obtém pela escrita não se pensa facilmente [...] Considero que ter enunciado

sob a forma de uma escrita o real em questão, tem o valor daquilo que se chama geralmente um traumatismo. [...] Um forçamento, um forçamento de uma nova escrita. Uma escrita que, por metáfora, tem um alcance. Um alcance que é bem preciso chamar simbólico (Lacan, 1975-76, p. 179).

Forçamento de um novo tipo de idéia que não floresce unicamente pelo fato daquilo que faz sentido, ou seja, pelo Imaginário. Trata-se, pois, de uma invenção, de uma nova forma de o sujeito suportar a realidade sem o recurso ao Nome-do-Pai. Que seja preciso a escrita para dela extrair o objeto *a* muda completamente o sentido da escrita, o sentido do que está em jogo. “A letra não faz senão testemunhar a intrusão de uma escrita enquanto outra com, precisamente, um pequeno *a*. [...] A escrita em questão vem de uma outra parte que não do significante” (Lacan, 1975-76, p. 199). Ela ganha autonomia em Joyce. Ela é um fazer que dá *suporte* ao pensamento.

O texto de Joyce se escreve borromeamente. A consistência desse suporte diz respeito à letra, inscrita pela “outra forma” de escrita joyceana do *sinthoma*. Lacan chega mesmo a falar na função da arte ou do artesanato, abrindo o precedente que instigou nossa pesquisa:

Como uma arte pode visar de maneira tão categoricamente divinatória a substancializar na sua consistência, [...] mas também na sua ex-sistência, e também nesse terceiro termo que é o buraco, como, por sua arte, pôde alguém visar a produzir como tal, a ponto de aproximá-lo de tão perto quanto possível esse quarto termo [...], essencial ao nó borromeano em si mesmo (Lacan, 1975-76, p. 31)?

Podemos, então, aventar a hipótese de que outros suportes, que não a escrita, poderiam ensejar essa mesma inscrição? Será que em Gentileza é disso que se trata? Qual a(s) relação(s) entre delírio e obra aí? Quanto à construção dessas saídas, Lacan nos fala, de um lado, que a metáfora delirante permite uma forma de estabilização por substituição e, por outro, fala em obra como suplência e em suporte para o pensamento, para o significante. Ponto que tocado, desloca, e cria uma nova relação. O que daí podemos fazer avançar quando o encontro dessas duas soluções se fazem necessárias no trabalho da psicose?

As alegorias de Gentileza e sua escrita nos muros do Viaduto do Caju cumpriam, para ele, uma função essencial no tratamento do gozo. Diante da certeza fundamental de seu advento como profeta, a partir de uma “revelação divina”, ele conclama a “gentileza” como princípio universal e saída para os impasses do mundo moderno, iniciando sua pregação. É em torno desse significante que sua construção delirante se fará. Entretanto, já desde seu advento, ele começa sua escrita com signos particulares, inéditos e diferenciados em relação ao código corrente da linguagem. A simbologia que o acompanha, de fundo religioso, produz neologismos, fundando uma escrita inaugural. Posteriormente sua indumentária se altera e a paisagem da cidade recebe sua obra. Se a função da obra para ele não se constitui em nível de suplência, alguma outra função há de exercer. Qual seria ela, é o que pretendemos discutir agora.

### Apresentação dos dados<sup>3</sup>

Segue abaixo uma recuperação da trajetória de Gentileza, construída a partir dos pontos de movimentos subjetivos realizados por ele na construção de um novo nome e de uma nova forma de se inscrever no campo sócio-simbólico, como trabalho na estabilização psicótica. Na discussão dos dados, essas datas ficarão mais claramente demarcadas ao ganharem um contorno teórico-clínico que organiza o caso. Utilizamos uma cronologia biográfica esquemática que demarca com mais concisão esses pontos de estofa no estudo do caso.

- 11 de Abril de 1917 – Nascimento de José Datrino (Cafelândia – SP). É o segundo filho de 11 filhos.
- Trabalhava, na infância, puxando carroça para vender lenha nas cidades próximas. Trabalhava na terra e amansava burros. (Mais tarde se diz “amansador dos burros homens da cidade, que não tinha esclarecimento”[sic]). Viveu até 20 anos em Cafelândia.
- 1929 – Com 12 anos, renunciava uma missão: “ter uma família, ter filhos, construir bens, mas que um dia teria que deixar tudo”. Seus pais acharam que poderia estar louco e o levaram a curadores espíritas.

- 1937 – Deixa Mirandópolis sem avisar a família, rumo a São Paulo, depois ao Rio de Janeiro. Para a família, teria sido levado por um guia espiritual. Ficou quatro anos sem dar notícia, até que pediu à mãe para mandar seus documentos.
- 1941 – Casa e tem 5 filhos, três “femininos” e dois “masculinos”. Começou a fazer fretes até estabelecer-se com uma empresa de 3 caminhões de transportadora de cargas. Tinha também três terrenos e uma casa.
- Segundo sua filha, em torno de seus quarenta anos, após a visita de um senhor que lhe propõe sociedade no negócio de transportes, sucedeu o episódio da lama em que se despe, liberta todos os pássaros da casa e, nu, deita-se na lama para fazer-se um novo homem.
- 1961 – Em 17/12, se dá o incêndio do circo em Niterói que mata quatrocentas pessoas. Em 23/12, recebe aviso astral de Deus para “deixar todos os bens e vir como São José, representar Jesus de Nazaré na terra”. Em 24/12, dia do Natal, deixa tudo e vai pregar em Niterói, distribuir vinho no local onde se dera a queima do circo para ensinar as palavras “por gentileza” e “agradecido”. (Aqui já se nomeia como Jozzé Agradecido ou Gentileza). Instalou-se no lugar do circo queimado, transformado em jardim circular, denominando-o “Paraíso do Gentileza”, onde permaneceu por quatro anos, apesar de ter sido levado pela polícia no início.
- Meados dos anos 60 – Sai do local do circo e começa a deslocar-se entre Rio e Niterói, pregando na barca que faz esse trajeto. Adquire reconhecimento popular, cria provérbios e máximas. Coloca “PC” (Pai criador) no estandarte. Teve que explicar às autoridades que não se tratava de Partido Comunista.
- Fim dos anos 60 e anos 70 – Inicia viagens que o tornarão conhecido no interior do país. Faz um trajeto circular pelo Brasil, passando por vários estados, tal qual o “mundo arredondado”. Ao chegar em cada cidade, procurava a rádio local e as autoridades políticas para anunciar sua chegada e sua missão.



- 1970 – Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) – Em Aquidauna, sofre a primeira grande adversidade por pregar sem a Bíblia. É preso por uma noite, e tem seu cabelo cortado e seu estandarte quebrado. Retorna para o Rio e passa a utilizar a cartola do Tio Sam. Fica conhecido como “profeta tropicalista, Chacrinha da Calçada”. Após o incidente em Aquidauna, passa a recolher depoimentos e declarações de figuras públicas e autoridades dos lugares pelos quais passava, como “carta de referência”.
- Meados dos anos 70 – Cabelo feito, terno e gravata, inicia o culto à brasilidade. Vai a Minas Gerais, Ouro Preto, por ter forte admiração e respeito por Tiradentes, que como Jesus, sofreu por seu povo. Lá em Ouro Preto, os estudantes sugeriram o uso da bata.
- Ao longo desse trajeto vai construindo sua indumentária toda bordada com motivos divinos sob a forma de bata, deixa os cabelos e a barba crescerem e não abandona seu estandarte com cataventos e frases religiosas e morais, escrita com simbolismo particular. Retorna a Mirandópolis já como Profeta. Viajava de posse de uma mala com recortes de jornal com as autoridades locais, cartas de recomendação e seus escritos.
- Década de 80 – Assume a bata, a bandeira e os cataventos. Entre a Rodoviária Novo Rio e o Cemitério do Caju, numa extensão de 1,5km, Gentileza realiza seus 56 escritos murais sobre pilastras do Viaduto do Gasômetro.
- Início dos anos 90 – Finaliza sua obra no Viaduto e, com ela concluída, se postava geralmente ao lado da pilastra número um, sentado numa cadeira, acenando para todos como se estivessem na varanda de sua casa. Sua saúde já não lhe permitia as viagens e as longas caminhadas.
- 1992 – ECO 92 – Rio de Janeiro – Conclama as nações e os presidentes ao uso da Gentileza.
- 1993 em diante – Sua saúde se fragiliza após queda que lhe ocasiona fratura na perna. Acometido também por problemas circulatórios, sente cada vez mais dificuldade em andar.

- Início de 1996 – Retorna a Mirandópolis, em São Paulo.
- 29 de Março de 1996 – Morte do Profeta Gentileza.
- 20 de Janeiro de 1999 – É oficializado o “Projeto Rio com Gentileza”, recuperando a Pilastra de nº 1.
- Outubro de 1999 – Semana do Gentileza.
- 06 de Maio de 2000 – Depois de nove meses de trabalhos exaustivos de restaurações entrega-se, em cerimônia oficial, com a presença de autoridades, artistas e público em geral, as obras de Gentileza, depois tombadas como patrimônio cultural do Rio de Janeiro.
- Cineastas, poetas, músicos e *videomakers* trabalham com a história e obra de Gentileza. A título de ilustração, seguem alguns exemplos. Gonzaguinha o homenageia no CD “Cavaleiro Solitário”, Joãozinho Trinta elabora desfile de samba em que o homenageia e Marisa Monte compõe e grava a música “Gentileza”.
- 2000 – A Universidade Federal Fluminense encaminha ao Departamento Geral do Patrimônio e ao Conselho Municipal de Patrimônio Cultural do Município do Rio de Janeiro, pedido de tombamento de toda a obra gráfica de Gentileza no Viaduto do Caju.
- Junho de 2000 – Praça Profeta Gentileza é oficializada em frente à Rodoviária Novo Rio.
- Novembro de 2000 – Após estudos e análises dos órgãos competentes, a obra é tombada.
- Prêmio Urbanidade 2000 ao “Projeto Rio com Gentileza”.

## Discussão do caso

No caso de Gentileza, sua história nos evidencia um trabalho delirante que, arriscamo-nos a dizer, culmina com a estabilização via metáfora delirante através de significantes primordiais, “gentileza” e “agradecido”, numa espécie de oposição binária a “favor” e “obrigado”. (Com a diferença que aqui a oposição faz uma significação delirante que não desliza na produção de sentido, mas antes se repete na afirmação do mesmo e original sentido, fundado ao tempo do incêndio do circo.)

Vimos que Lacan identifica a metáfora delirante a um processo que constitui o delírio como uma metáfora que faz às vezes da metáfora paterna, no trabalho ruidoso de cura (Freud, 1911). Vimos com Maleval (1996) o desenvolvimento lógico da construção delirante em quatro fases. É de acordo com essas fases que agora investigaremos a solução psicótica encontrada pelo Profeta Gentileza via construção da metáfora delirante.

- 1) Deslocalização do gozo e da perplexidade angustiante. Refere-se ao desencadeamento significativo a partir de uma ruptura na cadeia provocando uma autonomia do significante. Seu efeito é a perplexidade, advinda do fato de o sujeito não se sentir autor de seus próprios enunciados, e experiências corporais, em diferentes manifestações. No episódio da lama quando Gentileza é convocado simbolicamente por uma pessoa para criação de uma provável sociedade em sua empresa de fretes e não possuindo recurso simbólico para se posicionar diante de tal questão, dá-se o desencadeamento de sua psicose. A criação de uma sociedade nos diz de uma ficção simbólica, um nome jurídico, fazendo com que aqueles que a pretendam criar façam se representar não apenas como um corpo mas também como um nome. Assim como nos sugere Lacan (1969-70, p. 103) “para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *verwerfung*, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito”. Daí o que temos como consequência é justamente a perplexidade do sujeito. É nesse sentido que Gentileza, no impossível de responder por essa convocação, corre até o quintal de sua casa solta todos os pássaros e galinhas e passa lama em todo corpo, assim como relatado por sua filha Maria Alice Datrino em entrevista.

Na história de José Datrino, habitualmente vem marcada sua ruptura com uma posição anterior no episódio do incêndio do circo em Niterói, momento ruidoso em que ele se manifesta a partir de nova roupagem, realizando sua “missão na terra”.

Entretanto, como vimos com Freud, é silencioso o processo de ruptura que dá origem à experiência psicótica. A análise do caso permite aqui reconfigurar a cena do desencadeamento a partir desse episódio da lama. Parece-nos que é diante da convocação simbólica em se tornar sócio de uma pessoa jurídica, de uma firma, que se dá o desencadeamento, provocando uma situação irreversível, um ponto subjetivo de não retorno.

- 2) Na segunda fase, referente à significação do gozo deslocalizado, dá-se um trabalho de mobilização do significante pelo psicótico na busca de uma explicação para os fenômenos que o invadem. Em Gentileza, o que encontramos como uma primeira tentativa de significação do gozo deslocalizado é a ruptura com “*os afazeres materiais do mundo para cumprir o espiritual na terra*”. É essa a resposta que Gentileza encontra quando da invasão do aviso astral de Deus:

‘de que no dia seguinte- três confirmações- eu tinha que deixar todos meus afazeres materiais do mundo para cumprir o espiritual na Terra, que eu deveria vir com São José, representar Jesus de Nazaré na Terra, perdoar toda a humanidade, ensinar a perdoar uns aos outros, e mostrar o caminho da verdade que é nosso Pai, fazer o ensinamento de Jesus na Terra, e foi que eu fiz’ (Guelman, 2000, p. 17).

Aí surge um compromisso razoável, característica marcante dessa segunda fase. É o sacrifício da morte do sujeito, tomado por Lacan (1998) como renúncia fálica, que possibilita uma negativização do gozo na psicose, graças à qual uma nova articulação significante se tornará possível. A partir daí, o sujeito psicótico não mais terá uma atitude passiva em relação às mensagens que lhe chegam do real, podendo então, tornar-se organizador daquilo que o invade. É nesse sentido que Gentileza atua como um mensageiro dos ensinamentos de Deus e passa a “pregoar em Niterói”. Verificamos um trabalho de mobilização do significante, para explicar os fenômenos que o invadem, possuindo agora o sujeito um papel ativo, levando a cabo o aviso astral que Deus lhe enviara. O episódio do circo, contemporâneo da ruptura com os “*os afazeres materiais do mundo*”,

surge como um catalisador que possibilita a elaboração de uma metáfora delirante. Esse acontecimento possibilita a Gentileza circ(o)inscrever os até então angustiantes fenômenos que lhe chegavam do real sob a forma alucinatória. É dessa forma que surge o Profeta, no início dos anos 60, sob o impacto do acontecimento trágico da queima do circo. Gentileza funda seu nome num “cinzeiro humano”, num espaço de desolação, transformando-o no jardim “Paraíso Gentileza”.

- 3) Na terceira fase, a da identificação do gozo do Outro, este encontra-se identificado, quer dizer, assentado no significante, que dará ao sujeito uma certa base para que ele se faça organizador do que lhe chega, ainda que subsista algo de um imperativo que lhe impõe aquilo que ele deve fazer. A diferença é que agora, além de acatar os avisos divinos que lhe chegam do real, ele identifica o invasor que, no caso, só pode ser Deus e que nada de mal poderá lhe infligir. Assim assentado nos significantes *Jozze Agradecido* ou *Gentileza*, ele faz valer sua pregação, não mais como um representante de Jesus de Nazaré, ganhando dessa forma um nome próprio. O que na segunda fase encontramos no âmbito da representação, ou seja, uma significação do gozo deslocalizado, nesse momento passa a apresentar um caráter de identificação ao gozo do Outro, é tanto que agora o sujeito se nomeia como *Gentileza* e para tal feito oferece à população de Niterói copos com vinho para ensinar duas palavras *por gentileza* e *agradecido*, iniciando sua pregação pelo Brasil. “*Essas duas palavras – por Gentileza e agradecido – não tem dinheiro nenhum que pague. É a minha vida!*”. Esses dois significantes surgem em oposição ao favor e ao obrigado porque segundo ele: “*obrigado vem de obrigação é de carrasco. Deus não quer que sejamos obrigados a nada. Deus quer a nossa liberdade, **agradecido** vem de graça*”. Nota-se a construção delirante que se estabiliza na metáfora sustentada pela relação binária forjada por esses dois significantes. Sabemos que o significante só existe em relação a outro significante, produzindo sentido pelo deslizamento na cadeia. O que demarca o significante é sua função diferencial.

No caso estudado, vemos um trabalho do sujeito no sentido de se fazer representar por um significante que, isolado dos demais e remetido por oposição a outro, pode cumprir uma função de diferenciação, ali onde, por se tratar de psicose, não havia nem a escansão, nem a inclusão do sujeito. Nesses pares binários, *gentileza-favor* e *agradecido-obrigado* situa-se a tentativa do sujeito de fazer uma inscrição no intervalo que não houve. O que nos parece, entretanto, é que Gentileza elege um significante que, tal qual o significantemente recalcado na neurose, o identifica. Assim, diferentemente do neurótico que se localiza entre dois significantes – posto a tradução não ser possível de se completar – Gentileza se revela e constrói no trabalho de isolamento de um significante que, extraído do enxame desordenado da psicose, faz Um. Inscreve uma letra?

Vale a pena destacar que a eleição do significante *gentileza* não é aleatória, mas tecida na própria historiografia de José Dadrino. Além da influência e interpretações religiosas de sua família de origem, há em seu nome uma “escolha forçada” pela significação religiosa, advinda do campo do Outro. José Dadrino, assim como nos indica Guelman (2000, p. 23), “certamente já sugere, em seu nome, a possibilidade de sua missão. Dadrino significa em italiano, de três, enviado pelo Trino (Trindade)”. Mais uma vez encontramos a marcante questão da religiosidade em Gentileza na distribuição do vinho em Niterói que revive Jesus Cristo, no âmbito da Santa Ceia.

- 4) Passemos à quarta fase, a do consentimento ao gozo do Outro, em que Gentileza não se vê mais obrigado a aceitar aquilo que chega do Outro como gozador e consente gentilmente a esse imperativo. Ao chegar nessa última fase do delírio, o psicótico não sofrerá mais das inquietações que o atormentavam até o período precedente. O sujeito não se sentirá mais perseguido, encontrando-se de pleno acordo com a nova realidade por ele construída. Em Gentileza, o consentimento ao gozo do Outro opera através das pregações religiosas e de sua obra. É nesse sentido que Gentileza se põe a viajar, a pregar, e a criar provérbios e máximas que divulgou em suas andanças pelo Rio e em todo Brasil.

Com sua escrita repleta de simbolismos, deixa registros no Viaduto do Caju, como: “Não-usem-problemas-não-usem-pobreza-use-amorrr-use-gentileza”. Ou: “Gentileza contra o pecado capital – não podem andarr maltrapilhos de calsas curtas com o peito da camisa aberta descamisados para com jessuss e defuntos anbulantes contaminando 95 por cento e pobres duentes cegos no pecado capital satana por jessuss gentileza”. Faz um redemoínho em torno desses significantes que isola no trabalho delirante, retornando aos mesmos temas de diferentes maneiras, num lógica que organiza para ele a civilidade de um gozo possível.

A obra, nesse circuito, opera pela ausência de sentido, possibilitando a fixação do gozo. Gentileza dá um destino estético ao excesso de gozo, transformando em obra singular o indizível. A utilização de uma superfície material evidencia a ausência da materialidade lógica do objeto, não extraído na psicose. Daí valer-se da materialidade da obra, da coisa concreta, na ausência do representante simbólico. Seu trabalho se aproxima do de Bispo do Rosário, com a ressalva de que Gentileza consegue, pelo delírio, constituir um ponto de fixação, sendo a obra um corolário desse trabalho. E, diferentemente de Joyce, para ele a obra parece não se apresentar como a operação de suplência que evita o desencadeamento, mas antes vincula-se ao trabalho delirante numa psicose já desencadeada. Recolhe os restos da operação simbólica da metáfora delirante em torno do significante “gentileza”, conferindo um contorno real ao gozo pela obra. Em lugar do risco da passagem ao ato, do qual nos adverte Zenoni (2001), Profeta Gentileza encontra no destino estético o real da obra e, ao mesmo tempo, o endereçamento imaginário, que permitem a ele sustentar, até o fim de sua vida, a operação simbólica da metáfora delirante, sem incorrer em mais episódios de crise.

O fato de ele ser tomado como o anunciador de um novo tempo e de uma nova estética à dimensão cidadina e contemporânea da atualidade, conferiu-lhe um lugar de destaque na cultura, como vimos. Guelman (1997 e 2000), em sua dissertação de mestrado, defendeu a tese de que Gentileza é um mito moderno, pois, anunciador de uma

crise social – a da chamada pós-modernidade. Além disso, ele opera, enquanto mito, como anunciador, fundador, de um discurso que aponta, pelo princípio ético da “gentileza”, uma saída aos impasses da economia capitalista e da fragmentação moral e social pós-moderna, calcada no individualismo, no hedonismo e no consumismo. Parece-nos que sua apropriação pela cultura (músicas, carnaval, entrevista ao Jô Soares entre outros) constituiu um campo de endereçamento que ampliou as fronteiras de suportabilidade à diferença que a psicose coloca, reconfigurando as relações com Gentileza. Principalmente em sua família, como atestado pela entrevista realizada com sua filha, à suposição da loucura seguiu-se uma admiração pela obra de Gentileza que permitiu a reordenação dos enlaçamentos sócio-familiares.

Essa é realmente a novidade teórica a que esse estudo de caso nos conduziu: *a obra operando pelo real como continente ao excesso de gozo que resta da operação da metáfora delirante*, confere-lhe sustentação e favorece a estabilização e o endereçamento social nos casos em que Gentileza pode funcionar como paradigma. Assim José Dadrino formula uma solução pela construção de uma metáfora delirante, ser o “Profeta Gentileza”, que faz às vezes do Nome-do-Pai. A metáfora delirante representa o que ele vai ser. É nesse sentido que Zenoni (2001) nos diz que nem todo delírio é uma metáfora delirante. Uma metáfora delirante acontece quando o delírio atinge a função de fazer suplência à metáfora paterna, portanto, de restabelecer a relação entre o significante e o significado, com a estabilização.

E, do excesso que restou intraduzível sob a forma de gozo, Gentileza pregou e transformou a paisagem urbana com uma obra de grandes proporções para a divulgação de sua mensagem – os escritos do Viaduto. O Profeta dá vazão a esse excesso primeiramente com a peregrinação, depois com a fixação da letra de gozo nos escritos através dos efeitos da obra realizada no Viaduto. Aí se dá um deslocamento do sujeito como objeto de gozo do Outro para o lugar de autor através da obra. Aprendizado essencial a ser transposto para o campo da clínica ampliada nos serviços abertos e substitutivos da Saúde Mental.



## Conclusão

A título de conclusão, podemos resumidamente apresentar a principal contribuição teórica dessa pesquisa como a possibilidade de se tomar a obra como possibilidade de fixação do gozo que resta em excesso quando da conclusão da metáfora delirante. O que recoloca a função da obra no campo dos estudos psicanalíticos da psicose, na medida em que tradicionalmente ela é tomada como possibilidade de suplência pela construção real de um objeto *ex-nihilo*. Aqui se anuncia uma relação entre obra e delírio que inaugura um novo campo de investigação até então muito pouco explorado.

Como ponto a ser desenvolvido, fica a investigação acerca da extensão dos achados aqui realizados, sobretudo em sua perspectiva teórica. Pesquisar as possíveis relações entre delírio e obra no trabalho de estabilização da psicose junto a outros casos, nos permitirá tomar Gentileza como paradigma de uma modalidade de resposta ou simplesmente como um caso, particular, de solução encontrada. Maneira de contribuirmos para que não se apaguem ou pintem de cinza as palavras e as produções vivas desses sujeitos peculiares...

## Notas

1. O presente artigo traz resumo da pesquisa *Laço social e psicose: estratégias para a clínica antimanicomial no campo da assistência à Saúde Mental*, realizada pelos co-autores desse artigo.
2. A discussão teórica desse item é parte integrante do anteprojeto de doutorado da autora principal.
3. Em sua essência, os dados aqui reunidos foram extraídos dos livros de Guelman (1997 e 2000) e das entrevistas realizadas com ele e com Maria Alice Datrino, filha de Gentileza.

## Referências Bibliográficas

- AMARANTE, P. (1995). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz.
- BARRETO, F.P. (1999). *Reforma psiquiátrica e movimento lacaniano*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- FIGUEIREDO, A.C. (org). (2001). *Psicanálise: pesquisa e clínica*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA.
- FREUD, S. (1911/1976). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1920/1976). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII.
- GOLDBERG, J.I. (1996a). *Clínica da psicose: um projeto na rede pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia.
- \_\_\_\_\_. (1996b). Reabilitação como processo: o Centro de Atenção Psicossocial. In: PITTA, A.M.F. (org). *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec. (SaúdeLoucura, 10).
- GUELMAN, L.C. (2000). *Brasil, tempo de Gentileza*. Niterói, EDUFF.
- \_\_\_\_\_. (1997). *UNIVVVERSSO GENTILLEZA: a gênese de um mito contemporâneo*. Niterói: Pontuar.

- \_\_\_\_\_. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1955-56/1992). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1956-57/1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1969-70/1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1975-76/s.d.). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: heReSIa.
- LAURENT, É. (1995). *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Campo Freudiano no Brasil).
- LOBOSQUE, A.M. (1997). *Princípios para uma clínica anti-manicomial e outros escritos*. São Paulo: Hucitec. (SAÚDELOUCURA, 13).
- MALEVAL, J.C. (1996). *Logique du délire*. Paris: Masson.
- QUINET, A. (1997). *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- RABINOVITCH, S. (2001). *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- RESENDE, H. (1994). Políticas de Saúde Mental no Brasil: uma visão histórica. In: TUNDIS, S.A.; COSTA, N.R. *Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil*. 4. ed. Petrópolis: Vozes/ABRASCO.
- ROTELLI, F. (1994). Entrevista. In: AMARANTE, P. *Psiquiatria social e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ.
- SARACENO, B. (1999). *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Rio de Janeiro, Instituto Franco Basaglia/Te Corá.
- SOLER, C. (1991). El trabajo de la psicosis. In: \_\_\_\_\_. *Estudios sobre la psicosis*. Buenos Aires: Manantial.
- VIGANÒ, C. (1997). Terapia ou reabilitação. In: \_\_\_\_\_. *Saúde Mental: psiquiatria e psicanálise*. Instituto de Saúde Mental/Associação Mineira de Psiquiatria: Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. (1999). A construção do caso clínico em Saúde Mental. *Curinga*. Belo Horizonte, (13): 50-59, set.

ZENONI, A. (2001). Psicanálise e instituição: a segunda clínica de Lacan. *Abrecampos*. Belo Horizonte, I(0): 09-93, jun.

## Nota

- <sup>1</sup> Lacan propõe a existência de um elemento suplementar aos três registros (Real, Simbólico e Imaginário) que permitiria a cada sujeito uma amarração própria e singular de um nó na sustentação de sua relação com a Língua. Ao propor esse quarto elemento – *sinthoma*, com *tb* –, ele opera uma subversão em seus próprios preceitos. E o que ele subverte, quanto à norma operada pela metáfora paterna, é a idéia de uma solução ‘para todos’, normativizada pelo Pai, enquanto agente simbólico necessário na década de 50. Nos anos 70, ele propõe que cada sujeito irá operar uma forma de resposta ao impossível de nomear, a partir do real em jogo com seu gozo.

## ANDRÉA MÁRIS CAMPOS GUERRA

Rua Minas Novas, 104 / 702 – 30310-090 – Cruzeiro – Belo Horizonte/MG

tel: (31) 9208-0277

e-mail: aguerra@uai.com.br

recebido em 03/03/05

versão revisada recebida em 23/06/05

aprovado em 26/05/2006